
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

LITERATURA E CINEMA

As relações entre literatura e cinema provocam discussões decorrentes, em geral, das inúmeras adaptações de textos literários para o cinema. De outro lado, no campo dos chamados “Estudos Interartes”, a tomar a literatura como referência dominante, observam-se novos interesses no que diz respeito ao exame dessa confluência entre a produção literária – sejam as prosas ficcionais, a poesia e o drama – e as formas audiovisuais, sobretudo o cinema. Na contemporaneidade, a questão que toca a interface literatura/cinema torna-se ainda mais abrangente tendo em vista os conceitos de Intermedialidade, Remediação (BOLTER; GRUSIN, 1999), Convergências, Híbrido ou Híbridação, Mídiação/Mediação, usados com frequência nos estudos compreendidos em várias áreas das humanidades e das artes.

O objetivo deste volume foi reunir discussões sobre as relações entre literatura e cinema de modo a analisar, para além da prática da adaptação/tradução/transposição, as possibilidades de intrincamento entre essas duas mídias. Há, por certo, nessa zona fronteira, várias subversões, desvios, encontros e diversos entrelaçamentos que afetam sensivelmente os modos de representação, dando lugar a novas acomodações e modulações narrativas. A considerar as obras literárias como parte de um sistema midiático, o estudo da relação entre literatura e cinema ganha contornos mais amplos e bem mais complexos que podem envolver desde a investigação da(s) materialidade(s) até a compreensão dos efeitos dos processos de remediação, apropriação, hibridação e atravessamento entre tais mídias.

Os artigos aqui reunidos demonstram preocupações muito afinadas aos modos variados em que literatura e cinema podem se relacionar. Colocam-se em cena discussões igualmente multifacetadas a transitarem desde os processos de adaptação até aquelas de âmbito essencialmente teórico ou de natureza reflexiva, como se nota no texto de Hernan Ulm e de Adalberto Müller.

O artigo de Gustavo Ramos de Souza abre o volume com um texto a trazer uma análise do romance do escritor André de Leones, *Como desaparecer completamente* (2010), voltada para uma observação sobre possíveis qualidades cinematográficas, especialmente para uma influência dos chamados filmes corais.

O ensaio que se segue, intitulado “A narrativa do gângster e a moral cristã em *Little Caesar*, de Mervyn LeRoy”, de Elder Kôei Itikawa Tanaka, propõe um estudo sobre a adaptação fílmica do romance de mesmo nome, de W. R. Burnett, com especial atenção para um tipo de cinema muito valorizado pela indústria hollywoodiana na década de 1930 – tal como as narrativas de gângster.

Na contramão de todos os textos selecionados para este volume, direcionados para a análise de algum objeto literário e/ou fílmico, o artigo de Hernan Ulm e de Adalberto Müller traz reflexões de âmbito essencialmente teórico com o intuito de discutir as “impossibilidades” ou “fendas” entre literatura e cinema. “A fenda incomensurável: literatura, cinema” apresenta como ponto central uma tentativa de compreensão quanto às distâncias que podem separar essas duas mídias.

Allana Dilene de Araújo e Luiz Antonio Mousinho, em “Blade Runners sonham com o espaço? – uma análise intermediária do espaço”, discutem a noção de espaço na aproximação de três mídias distintas a figurar entre a literatura, com o *Androides sonham com ovelhas elétricas*, o cinema, a partir de *Blade Runner*, e a história em quadrinho, com *Do androids dream of electric sheep?*.

“Depois do ‘Sarampão Antropofágico’: o cinema na obra de Oswald de Andrade pós-1930”, de Júlio Cezar Bastoni da Silva, empreende uma leitura interessante do projeto *Marco Zero*, obra pouco estudada de Oswald de Andrade, do qual fazem parte dois textos escritos para o cinema: o roteiro *Perigo Negro* e o argumento *A sombra amarela*. Aqui, o autor procura mostrar como Oswald de Andrade, na qualidade de um homem completamente a viver a modernidade das primeiras décadas do século XX, relacionava-se, por meio de sua obra, muito intensamente com outras mídias, especialmente com o cinema, fosse pelas inúmeras referências em seus textos ou por uma espécie de performance textual que buscava a estética cinematográfica.

O artigo de Brunilda Reichmann e de Márcio Pereira Ribeiro, sob o título “Um breve inventário de (re) leituras de James Joyce e uma parada no bar Symphonio Tom O’Flanagan em Dublin”, aponta as inúmeras influências da obra de Joyce em diversas mídias, entre elas o cinema.

Também a adotar a perspectiva da adaptação, Tiago Lanna Pissolati, em “Sobre um cinema que arde a 451 graus Fahrenheit”, apresenta uma leitura do romance de Ray Bradbury e do filme de Truffaut à luz do tema da queima de livros ao longo da história da humanidade. Interessantemente, trata-se do primeiro filme a cores de Truffaut. Um dos olhares de Pissolati, por exemplo, dá-se justamente no modo como o filme explora as cores fortes, todas a lembrar a “radiância” ou a ardência do fogo.

O texto de Barbara Cristina Marques, que encerra este volume, percorre os atravessamentos em que literatura, cinema e vídeo serão afetados a partir da leitura do romance *Ponto Ômega* (2011), do escritor norte-americano Don DeLillo. Em “Das pas-

sagens: experiência entre literatura, cinema e vídeo em *Ponto Ômega*, de Don DeLillo”, a autora avalia o processo de convergência entre tais mídias ancorada em conceitos tais como: intermedialidade, remediação, convergência e hibridação.

Barbara Cristina Marques (UEL) e Brunilda T. Reichmann (UNIANDRADE)

(responsáveis pelo volume)